

**"Beijos Escondidos": A Docência no Armário e o
Silenciamento das Relações de Gênero nas Aulas de
Matemática**

**"Hidden Kisses": Teaching in the Closet and the Silencing
of Gender Relations in Math Classes**

Eliézer Reis Vicente¹

Nyuara Araújo da Silva Mesquita²

RESUMO

O presente texto objetivou a partir do enunciado discursivo "Sou professora de Matemática. Só sei sobre equação e geometria. Meu conhecimento é esse" no filme Beijos Escondidos (2016) refletir sobre as dimensões da heteronormatividade que impregnam no cotidiano escolar e compõem redes de poderes, controle e vigilância, promovem a (hetero)normalidade, produzem classificações, hierarquizações, privilégios, estigmatização, marginalização. Em um mundo em constante evolução, as narrativas do filme a performance de Catherine nos lembram da importância de desafiar as normas estabelecidas e criar um ambiente educacional que celebre a individualidade de cada estudante e a capacidade universal de se engajar e prosperar na linguagem da Matemática.

PALAVRAS-CHAVE: Beijos Escondidos. Heteronormatividade. Gênero. Sexualidade. Docente de Matemática.

ABSTRACT

The aim of this text was to use the discursive statement "I'm a Math teacher. I only know about equations and geometry. That's my knowledge" in the film Hidden Kisses (2016) to reflect on the dimensions of heteronormativity that permeate everyday school life and make up networks of power, control and surveillance, promoting (hetero)normality, producing classifications, hierarchies, privileges, stigmatization and marginalization. In a world that is constantly evolving, the narratives in the film Catherine's Performance remind us of the importance of challenging established norms and creating

1 Doutorando em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Goiás (PPGECM/UFMG). E-mail: eliezervicente@gmail.com . Link do Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5338-478X>.

2 Doutora em Química pela Universidade Federal de Goiás. Professora associada da área de Ensino de Química na Universidade Federal de Goiás. E-mail: nyuara@ufg.br . Link do Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2410-6304>.



an educational environment that celebrates the individuality of each student and the universal capacity to engage and thrive in the language of Mathematics.

KEYWORDS: Hidden Kisses. Heteronormativity. Gender. Sexuality. Math teacher.

Introdução

No filme francês *Beijos Escondidos* (2016), disponível na plataforma de *streaming* Amazon Prime dirigido por Didier Bivel, conta a história de Nathan, 16 anos, que vive sozinho com seu pai Stephane. Novato na escola, ele é convidado para uma festa e se apaixona por Louis, um menino de sua turma. Eles se encontram escondidos e se beijam. Após ter uma foto vazada nas redes sociais, há uma cena em que o jovem aluno sofre agressões morais, por ter beijado outro menino. Diante das brincadeiras preconceituosas, um professor de Inglês intervém na classe do rapaz, dialogando com a turma sobre aquele comportamento discriminatório e preconceituoso. Entretanto, o foco da discussão é perdido quando questionam sua sexualidade e o zombam, uma vez que ele se mostrava sensível e preocupado com a situação.

O filme deixa transparecer a perspectiva de que não é necessário ser LGBTQIAPN+³ para ser simpático ao respeito e bem-estar dessa comunidade. Com o foco da discussão perdido, o professor de Inglês conversa com uma colega de trabalho, uma professora de Matemática lésbica, para que ela acolhesse o aluno, alegando que ela saberia o que dizer em relação ao que ele estava passando, por ter vivido situações semelhantes em sua adolescência. Sua resposta ao convite não é receptiva. Ela diz: "Sou professora de Matemática, eu só sei sobre equações e geometria. Meu conhecimento é esse" (*Beijos Escondidos*, 2016). Contudo, no desenrolar da trama, Nathan sofre agressões físicas e quando ela vê os hematomas do aluno ela muda de postura. Sem se expor, faz uso de conceitos de Matemática para tocar indiretamente no assunto e sensibilizar a turma.

A situação desta cena, ilustra o quanto tais profissionais da Educação, aqui em especial da Educação Matemática podem estar dispostos ou não a reconhecer o corpo *dissidente*, ou seja, corpos que escapam "a movimentos de captura,

3 LGBTQIAPN+ é o movimento político e social que defende a diversidade e busca mais representatividade e direitos para essa população. Quem não se lembra da sigla GLS, que ganhou força na década de 90? Seu significado era pessoas gays, lésbicas e simpatizantes. Com o tempo, a sigla evoluiu, com a inclusão de pessoas de diversas orientações sexuais e identidades de gênero. E por isso hoje é LGBTQIAPN+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e + que abarca todas as outras siglas e identidades que integram o movimento).

movimentos que ensejam certa hegemonia” (Couto Júnior; Pocahy; Oswald, 2018, p. 62), pelo olhar do outro, que os veem como um corpo fora do lugar.

No horizonte de tais questões, nos indagamos: Seria o único conhecimento do/a professor/a de Matemática, ensinar equações e geometria? Ou há o medo de tocar no assunto por conta das reações dos/as estudantes, da escola, dos/as responsáveis? Ou ainda, o medo de perder o emprego ou até mesmo ser acusado/a de promoção a "ideologia de gênero" por movimentos políticos conservadores e/ou religiosos? Considerando-se que na aula da disciplina é também um espaço que pode perpetuar desigualdades ou contribuir para a (re)produção de preconceitos e discriminações em nossa sociedade (Lerman, 2019) e, conseqüentemente, afetar pessoas LGBTQIAPN+, o/a professor/a de Matemática não poderia romper com o paradigma de neutralidade do conhecimento matemático?

Destarte, por meio de uma pesquisa de natureza qualitativa que no entendimento de Minayo (2009, p. 21) “[...] trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. Como percurso metodológico adotamos a Análise Documental, “um procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para a apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos” (Sá-Silva; Almeida; Guindani, 2009, p. 5), o presente artigo objetivou refletir sobre dimensões da heteronormatividade⁴ que impregnam no cotidiano escolar e compõem redes de poderes, controle e vigilância, promovem a (hetero)normalidade, produzem classificações, hierarquizações, privilégios, estigmatização, marginalização a partir das narrativas expostas no filme *Beijos Escondidos* (2016).

O texto está estruturado em três partes: 1) Gênero (e/), Sexualidades e a/o Docente de Matemática onde discutimos com teóricos questões no que tange gênero, sexualidades e o discurso matemático. 2) São as análises e discussões do filme, no qual aparecem como subtítulos das sessões e são enunciados discursivos do filme: a) “Não tenho nada contra gays, tenho até amigos que são”; b) “É culpa dele. Devia ter sido mais discreto”; c) “Sou professora de Matemática. Só sei sobre equação e geometria. Meu conhecimento é esse”; d) “Essa menina é você?”; e) “Os tempos mudaram”. Por seguinte, 3) As considerações longe de serem finais...

4 Conceito criado pelo pesquisador americano Michael Warner (1993) para descrever norma que toma a sexualidade heterossexual com norma universal e os discursos que descrevem a situação homossexual como desviante.

Gênero (e/.) Sexualidades e a/o Docente de Matemática

Gênero e sexualidades são problematizações que marcam as vivências escolares de docentes e discentes, embora haja uma incessante tentativa de invisibilização e silenciamento nos espaços educacionais. Podemos entender gênero como uma forma de comunicação e ordenação do mundo, uma linguagem “que orienta a conduta das pessoas em suas relações específicas, e que é, muitas vezes, base para preconceitos, discriminação e exclusão social” (Simião, 2005, p. 13). A compreensão do termo gênero está relacionada “fundamentalmente aos significados que são atribuídos ao ser mulher ou ao ser homem em diferentes sociedades e épocas” (Felipe; Guizzo, 2003, p. 121). Ou seja, o gênero é social e culturalmente construído e, portanto, pode ser modificado, (des)construído, (re)construído. Representa e estabelece relações de poder entre os sujeitos de cada gênero e mesmo entre sujeitos do mesmo gênero (Scott, 1995).

Nesse horizonte, todos os segmentos da sociedade contribuem para esta construção, inclusive a escola e os sujeitos que nela atuam. “Sem dúvida, a sala de aula é um espaço de poder, de construção das identidades” (Casagrande; Carvalho, 2014, p. 39). Os espaços educativos são campos sociais (Bourdieu, 2011), pois travam disputas conceituais do que é e do que pode e deve ser a ação processo de educar, no nosso caso, matematicamente e pela Matemática (Rosa, 2008, 2018). A dimensão política, por sua vez, assume que cada identidade (professor/a ou estudante) é moldada pelos corpos, os quais são condicionados por artefatos, acessórios, gestos e atitudes que podem transgredir espaços e evidenciar fortemente a liberdade, isto é, o sentido da própria política (Arendt, 2002).

A sexualidade vai muito além das dimensões sexuais e reprodutivas ao englobar um conjunto de sentimentos, emoções, valores, comportamentos, relacionamentos, representações, linguagens, relações e identidades/diferenças socio culturalmente construídas e historicamente modeladas. Todavia, a sexualidade durante muito tempo foi (e ainda hoje, costuma ser), regulada como poder disciplinar que rege toda multiplicidade da espécie humana a partir de “normas, saberes e práticas”, restringindo as identidades sexuais e de gênero a um padrão heteronormativo que invisibiliza a diversidade sexual (Louro, 2000).

Em uma perspectiva foucaultiana, a sexualidade diz respeito a um amontoado de discursos que se transformam em um dispositivo de poder, isto é, como função estratégica que controla os indivíduos e resulta na produção de subjetividades. Ao discutir a história da sexualidade, Foucault argumenta que:

[...] um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (Foucault, 2004, p. 243-244).

Considerando que a docência é uma profissão inteiramente situada no campo das relações humanas e que quase tudo que um/a professor/a faz está em conexão com o(s) coletivo(s), tal qual a Matemática se forja nas práticas discursivas (Walkerdine, 2007), bem como que o discurso determina quem é considerado sujeito e estabelece a verdade ou não de um conhecimento (Foucault, 2014), a Matemática que vigora nas salas de aula está enraizada no discurso de quem se encontra nesse lugar de poder.

Para Michel Foucault (2004), o poder acontece como uma relação de forças. Ou seja, o poder está em todas as partes. Todas as pessoas estão envolvidas por relações de poder e não podem ser consideradas independentes delas ou alheias a elas. “O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão” (Foucault, 2004, p. 193).

Guiados pelas teorizações foucaultianas percebemos como o discurso matemático é influenciado pelas estruturas de poder e pela hegemonia presentes na sociedade. As vozes dominantes, historicamente privilegiadas e estabelecidas como as autoridades no campo da Matemática, moldaram o discurso matemático de acordo com suas próprias perspectivas e interesses.

Se há diferentes narrativas providas por diferentes contextos culturais de uma Matemática tida como neutra, universal, apolítica e carregada de sua verdade, a metanarrativa que prezamos não será desde sempre uma estratégia de poder na construção de um Mesmo e de um Outro recalcado e excluído? (Passos, 2023). A própria metanarrativa matemática com seus heróis masculinos, dominadores, brancos, heterossexuais, cisgêneros e sua universidade gloriosa é um *estratagema* epistemológico, desde o início, repercutindo algum tipo de relação de poder.

No entanto, cabe a nós pesquisadores/as e educadores/as matemáticos/as entendermos e reconhecermos a Matemática [ou as Matemáticas, no plural e com M maiúsculo mesmo] como produções humanas sócio-históricas e culturalmente situadas, que tem o poder e a autonomia de influenciar [e serem influenciadas] pelas pessoas que as produzem, ensinam e a estudam. Uma vez que entendemos que o conhecimento matemático é construído por meio do discurso, é possível reconhecer

a importância de ampliar a diversidade de vozes e perspectivas representadas nesse campo. Isso implica em dar espaço e valorizar os conhecimentos e experiências dos corpos historicamente marginalizados, a fim de promover uma Matemática mais inclusiva e socialmente justa. Através da conscientização sobre as dinâmicas de poder inerentes ao discurso matemático, é possível questionar as normas estabelecidas, desestabilizar hierarquias e promover uma multiplicidade de verdades e saberes matemáticos. Dessa forma, podemos construir uma Matemática mais reflexiva, aberta ao diálogo e verdadeiramente enriquecedora para todos.

Análises e Discussões

Em sua fase arqueológica, Michel Foucault esteve interessado no enunciado como acontecimento discursivo: índice paradoxal de novidade e de repetição, na história. O acontecimento discursivo tem a ver com o estatuto que o filósofo dá à regularidade do enunciado em sua relação com o arquivo. Para ele, é necessário que se reconheça a singularidade de cada enunciado como um acontecimento discursivo:

[...] um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Trata-se de um acontecimento estranho, por certo: inicialmente porque está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas por outro, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo da memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro; em seguida, porque é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; finalmente, porque está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem (Foucault, 2008, p. 31-32).

Nesse contexto, embora o foco de análise se dê a partir do enunciado da professora de Matemática, se faz importante percorrer uma ordem cronológica de outros enunciados que envolvem a narrativa na escola no filme *Beijos Escondidos* (2016). Para isso, foram escolhidos recortes de falas do filme que foram discutidos à luz das teorizações de Michel Foucault e estudiosos da área de gênero e sexualidade: Louro (1997; 2000; 2020), Britzman (1996), entre outros. Também em meio as análises e discussões, inserimos imagens do filme no sentido de encorpar as discussões e argumentações apresentadas.

“Não tenho nada contra gays, tenho até amigos que são”.

Iniciamos aqui com a foto vazada nas redes sociais (Figura 1). Após esse vazamento o jovem aluno sofre agressões morais. Com isso, o professor Tristan

intervém na classe do rapaz, dialogando com a turma sobre aquele comportamento discriminatório e preconceituoso e teve sua sexualidade questionada.

Figura 01 - Beijo de Nathan e Louis



Fonte: LISTAL. Disponível em: <https://www.listal.com/viewimage/13740630>. Acesso em 09 jun. 2024.

A tentativa de intervenção do professor de Inglês, acabou chegando aos ouvidos dos pais dos alunos que foram à escola para acusar o professor de falar sobre homossexualidade em suas aulas. Com isso, o diretor conversa com o professor Tristan:

Diretor: “Você me conhece, Tristan. Não sou o tipo de diretor que interfere nas aulas. Mas recebi ligações de pais que não gostaram que você falou sobre *homossexualidade*”.

Professor Tristan: “Não falei de *homossexualidade*. Falei de *homofobia*. Meu trabalho é acabar com o preconceito deles”.

Diretor: “Seu trabalho é ensinar inglês”.

Professor Tristan: “Então vamos chamar um grupo que lute contra homofobia”. Os alunos têm dúvidas...

Diretor: “Está brincando? Imagine a situação se vier um grupo desses. Escute, Tristan, *não tenho nada contra gays, até tenho amigos que são*. Você pode ser assim em outro lugar, mas aqui é só um professor, certo?” (Beijos Escondidos, 2016).

A partir desse diálogo entre o diretor e o professor Tristan, a primeira reação foi uma tentativa de silenciamento, o que exemplifica a escola como um espaço de disciplinamento, confronto e relações de poder, onde se evidenciam diferenças e desigualdades, baseadas em marcadores de diferença, pois a escola não é um espaço neutro, pois nela se correlacionam forças que criam discursos e institucionalizam “verdades”. Enquanto o professor Tristan, sabia que seu trabalho como professor se situa para além do ensino de Inglês: “é acabar com o preconceito deles”, o diretor reafirma que “seu trabalho é ensinar Inglês”.

Em acordo com os estudos de Michel Foucault sobre sexualidade, os termos homossexualidade/homossexual podem ser questionados, pois tais termos apareceram no discurso médico como formas patologizantes de se referir a experiências afetivo-sexuais entre pessoas do mesmo sexo. São termos que têm sido largamente utilizados pela mídia, pelos movimentos sociais e pelo discurso acadêmico.

O filósofo francês discorre sobre a sexualidade como uma complexa estratégia de poder da vida, que se estabelece hegemonicamente a partir do século XVIII. No século XIX, o comportamento sexual torna-se importante na produção da individualidade, e as práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo ganham estatuto de anormalidade (Foucault, 2010). É uma mudança de regime de visibilidade, pois o “homossexual do século XIX torna-se um personagem [...] nada do que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade” (Foucault, 2010, p. 58). A vontade de saber sobre o sexo constrói um território para a homossexualidade emergir enquanto conceito e o homossexual enquanto modo de existir.

No mundo contemporâneo, aparece o termo homofobia que se tornou um dos últimos preconceitos ainda tolerados. “Dizer publicamente não se simpatizar ou mesmo odiar pessoas homossexuais ainda é algo não só tolerado, como constitui também em uma forma bastante comum de afirmação e de constituição da heterossexualidade masculina” (Dinis, 2011, p. 41).

Na escola, a homofobia se expressa por meio de agressões verbais e/ou físicas a que estão sujeitos estudantes que resistem a se adequar à heteronormatividade, conforme mostra o filme. Falar de homofobia, significa também falar de medo; não o medo patológico individual, mas a produção social de insegurança. Esse processo se dá através de discursos e práticas cotidianas, justificando e legitimando políticas públicas de repressão e extermínio contra populações determinadas (Cassal; Bicalho, 2011). O medo da homofobia reafirma as estratégias do biopoder: pelo medo e para proteção, crianças aprendem nas escolas para não parecerem homossexuais (Batista, 2003).

Esse medo da homofobia leva a estudantes homossexuais a tentarem esconder sua orientação sexual, mas é importante evidenciar que esse silenciamento e o ocultamento de sua sexualidade é também uma forma de violência, como nos lembra Louro:

Ao não falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda ‘eliminá-los’, ou, pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas ‘normais’ os/as conheçam e possam desejá-los/as. Aqui, o

silenciamento – a ausência da fala – aparece como uma espécie de garantia da ‘norma’. (Louro, 1997, p. 67-68).

Esse silenciamento, que se traduz também na omissão quando aparecem os casos de violência moral e/ou física sofrida por estudantes que expressam sua diferença sexual e de gênero, é compartilhado pelos/as professores/as que evitam discutir o tema da diversidade sexual e de gênero nas escolas. Para Britzman (1996) persiste um mito que considera a heterossexualidade como “normal/natural” e falar de homossexualidade na escola poderia incentivar a sua prática.

A partir do diálogo entre o diretor e o professor Tristan, podemos mencionar ainda: quando nos situamos no ambiente escolar, devemos lembrar-nos do/as professores/as. Muitos desses/as profissionais podem estar sofrendo o medo da homofobia; estar em um processo doloroso de silenciamento e ocultamento de suas identidades. “Você pode ser assim em outro lugar, mas aqui é só um professor, certo?”. Nesse sentido, a fala deixa transparecer que os sujeitos podem ser diferentes, dissidentes, anormais, mas não na escola, pois na escola, o/a professor/a deve ser somente o/a professor/a.

“É culpa dele. Devia ter sido mais discreto”.

Após o professor Tristan não conseguir validar o seu discurso em prol de ajudar Nathan e consequentemente outras pessoas da comunidade LGBTQIAPN+, por ser um homem heterossexual, ele volta frustrado para a sala de professores, onde temos o diálogo a seguir entre ele e colegas de profissão:

Professor: “Por que não disse que tinha esposa?”

Professor Tristan: *“Eles acham que sou gay”*.

Professora: “Estava na sala deles. Tinha outro nome na lousa. O Nathan estava cercado. Tinha começado uma briga”.

Professor: “Qual era o nome?”

Professora: “Marco”.

Professor: “Marco? Não deve ser ele.”

Professor Tristan: “O que isso quer dizer? Tem noção do que disse?”

Professor: “Relaxa, Tristan. É só minha opinião”.

Professor Tristan: “É frustrante não poder ajudá-lo”.

Professora: *“É culpa dele. Devia ter sido mais discreto”* (Beijos Escondidos, 2016).

Percebemos aqui, que o fato de Tristan ter “tentado” combater a homofobia em sala de aula, ele é considerado um homem gay. Em seus estudos, Britzman (1996) aponta que a partir do mito que considera a heterossexualidade como “normal/natural” contribui na inquietação de que qualquer pessoa que apoie o movimento LGBTQIAPN+ poderá ser acusada de ser gay ou de promover uma sexualidade marginal. Segundo a autora, essa pessoa que apoia o movimento é considerada como perigosa, predatória e contagiosa.

Parece sempre haver uma necessidade de reafirmar a heterossexualidade, principalmente quando vemos Tristan ser questionado: “Por que não disse que tinha esposa?” e conseqüentemente a resposta: “Eles acham que sou gay”. Nesse horizonte, reafirmamos que a heteronormatividade é péssima para sociedade porque apresenta um modelo de vida considerado como normal, marginalizando qualquer tipo de pensamento que discorde do *status quo*. “A norma exige comprovação. Se o sujeito é heterossexual, que prove. Se não é, que *assuma* – discretamente, claro, que o segredo seja revelado somente a alguns, de forma que não abale as estruturas normativas” (Braz; Vieira; Bussoletti, 2014, p.31).

Se por um lado, temos o professor Tristan com o pensamento para além do ensino de Inglês, temos outra professora que afirma que toda essa onda de preconceitos e homofobia que Nathan está sofrendo é por culpa dele mesmo, “devia ser mais discreto”. Por mais que não tematizamos as questões de gênero e sexualidade elas estão na escola. “A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo no qual alguém possa se “despir” (Louro, 1997, p. 85). Parece haver a necessidade de um automonitoramento constante, *é preciso ser discreto*, “calar-se a respeito daquilo que não é preciso dizer, deixar sob o benefício da sombra aquilo que se tornaria perigoso à luz do dia” (Foucault, 2006, p. 87).

“Sou professora de Matemática. Só sei sobre equação e geometria. Meu conhecimento é esse”.

A trama do filme *Beijos Escondidos* (2016) continua sua narrativa no corredor da escola. A professora de Matemática lésbica, Catherine, ao ouvir a sua colega falando que a culpa era de Nathan e que ele “devia ser mais discreto”, sai da sala dos/as professores/as e é abordada pelo professor Tristan que a segue, onde destacamos o diálogo a seguir:

Professor Tristan: “Você deveria conversar com o Nathan”.

Professora Catherine: “Não vou! Repetindo: não vou!”

Professor Tristan: “Vai ser bom falar com ele”.

Professora Catherine: “Que teimosia, não sou sua mulher”.

Professor Tristan: “Você deveria saber o que ele está passando”.

Professora Catherine: *“Sou professora de Matemática. Só sei sobre equação e geometria. Meu conhecimento é esse”.*

Professor Tristan: “Você já disse que por nada nesse mundo voltaria à adolescência, lembra? Poderia ter sido mais fácil se um professor gay estivesse do seu lado”.

Professora Catherine: “Não vê o que está me pedindo?”

Professor Tristan: *“Está com medo de quê? Que descubram que você é lésbica? E daí, as coisas mudaram!”*

Professora Catherine: [risos] “Isso é um sonho! Acha que somos paranoicos? Que vemos homofobia em tudo? Que está tudo bem porque podemos casar? Sabe o que eu ouço no pátio, na sala, até na sala dos professores? Você estava lá! “A culpa é dele porque não foi discreto””.

Professor Tristan: “Oh, Catherine...”

Professora Catherine: “Não, me escute! Quando era jovem, *a escola era um inferno*. E eu continuo aqui. *Ensinar Matemática é o único que posso fazer*. Minha família não falava comigo, estava sozinha. Só tinha esse trabalho. Além de amigos próximos, ninguém sabe da minha vida privada. Porque há 140 alunos e 280 pais prontos para me demitir. Já estou cheia e quero ficar tranquila!”

Professor Tristan: “E o Nathan?”

Professora Catherine: “Fará que nem eu. Vai sofrer e depois superar” (Beijos Escondidos, 2016).

Na tentativa de buscar uma ajuda para Nathan, o professor Tristan enxerga em Catherine essa possibilidade. Pelo fato dela ser lésbica, ter vivenciado e provavelmente “saber o que ele está passando”. Importante dar destaque que Catherine é professora de Matemática e que, muito provavelmente, teve uma formação em que foi submetida a um penoso processo de assimilação das estruturas ditas “universais” desse campo, que ainda é influenciado pelas estruturas de poder e pela hegemonia presentes na sociedade.

Quando Catherine diz: “Sou professora de Matemática. Só sei sobre equação e geometria. Meu conhecimento é esse”, ela o enuncia de um lugar de fala de um campo, a Matemática que, por si só, não é apresentada vinculada a relações sociais, mas é preservada em uma mas é preservada numa perspectiva epistêmica de neutralidade científica que a coloca em um patamar de não questionamento de seus objetos de conhecimento e nem de estabelecimento de relações entre esses conhecimentos produzidos e o contexto social e fora do domínio de relações de poder, em que se garante uma neutralidade científica dos objetos que ela estuda. Um discurso que chega até nós e que atribui à Matemática um status ontológico e não munido de poder. Poder para falar sobre gênero e sexualidade, por exemplo.

Catherine se vê confrontada a sair de um lugar que estabelece poder, para se vincular a relações sociais na escola, que também tenta ser neutra. As pessoas, de forma geral, podem ser diferentes em outros lugares, mas não na escola. Ademais, a escola educa, sobretudo, para e através da heteronormatividade. Há, em geral, um silenciamento no discurso em relação às sexualidades *dissidentes*. Aqueles que não se adequam à norma aprendem a dissimulação como forma de sobrevivência, tentam tornar invisível um dos aspectos mais caros à existência, silenciam ou negam seu desejo, afinal você é [só] um/a professor/a. Esse silenciamento, muitas vezes, deve-se a questões envolvidas no medo que sentem esses/as professores/as em

abordar o tema da diversidade sexual no espaço escolar. Conforme nos esclarece a pesquisadora canadense Deborah Britzman:

...existe o medo de que a mera menção da homossexualidade vá encorajar práticas homossexuais e vá fazer com que os/as jovens se juntem às comunidades gays e lésbicas. A ideia é que as informações e as pessoas que as transmitem agem com a finalidade de “recrutar” jovens inocentes. (...) Também faz parte desse complexo mito a ansiedade de que qualquer pessoa que ofereça representações gays e lésbicas em termos simpáticos será provavelmente acusada ou de ser gay ou de promover uma sexualidade fora da lei. (Britzman, 1996, p. 79).

A docência implica, aos/às professores/as, uma série de desafios diários que são inerentes ao exercício da profissão, questões essas que independem da sexualidade ou do gênero. No entanto, essas questões passam a ser determinantes quando os sujeitos transitam fora dos padrões da heteronormatividade.

No espaço social, existe um modelo heteronormativo imposto e cobrado dos sujeitos, desde o nascimento. É extremamente relevante, no sentido político, que enquanto professores, possamos discursar sobre tais questões, mas não como uma obrigação ou cobrança, como estava solicitando o professor Tristan para Catherine.

Tentando se proteger de embates, a professora Catherine transita dentro dos muros do anonimato e performa as suas ações nos padrões esperados pela heteronormatividade. Nessa perspectiva, Eribon (2008, p. 66) evidencia que muitos homossexuais tendem a desenvolver outros comportamentos no âmbito profissional, “[...] passando de um tipo de gestualidade ou de atitude a outro, conforme as exigências da situação”. Desse modo, esses sujeitos performam seus gêneros e sexualidades dentro dos moldes da heteronormatividade, afim de evitar transtornos, preconceitos e discriminação e até mesmo demissão em seu ambiente de trabalho.

Em Foucault (2002), o discurso é uma construção social envolta por relações de poder. Para ele, quando um sujeito fala, quem fala é a história, pois todo discurso está diretamente relacionado com a construção social e histórica do homem. Portanto, quando se analisa o discurso sob essa ótica, o que se está realmente analisando são as relações de poder historicamente situadas, pois o sujeito que fala não é visto como um ser autônomo.

Na trilha do pensamento foucaultiano, a Matemática constitui-se e propaga-se *ad infinitum* em uma produção discursiva do pensamento cartesiano que lhe outorga o status de uma ciência tida como a ciência da certeza e de verdades que podem equacionar com exatidão e rigor os problemas de diferentes áreas, a partir de sua

linguagem específica e técnicas operacionais na racionalização do espaço (Vicente; Freitas; Rodrigues, 2022).

A contribuição da escola como espaço de reflexão, muitas vezes, não é satisfatória, pouco permitindo que estes paradigmas sejam quebrados e permanecendo a mesma de décadas atrás, estagnada em conteúdos curriculares de pouca relevância para o cotidiano de suas/seus estudantes que é o que percebemos na fala de Catherine: “Quando era jovem, a escola era um inferno. E eu continuo aqui...”

“Essa menina é você?”

Todos os acontecimentos discursivos mencionados até o momento narram a homofobia moral/verbal sofrida por Nathan. Em continuação, o garoto sofre agressões físicas (Figura 2).

Figura 02 - Nathan após sofrer agressões físicas sendo acolhido pelo pai



Fonte: IMDb. Disponível em: <https://m.imdb.com/title/tt5572566/mediaindex/>
Acesso em: 09 jun. 2024.

A partir das agressões físicas, quando a professora Catherine chega na sala de aula e o vê com os hematomas, ela muda de postura. Sem se expor, faz uso de conceitos matemáticos para tocar indiretamente no assunto e sensibilizar a turma. Segue o diálogo:

Professora Catherine: “Nathan, o que aconteceu?”

Aluno: “Ele caiu”.

Professora Catherine: “Nathan? O que aconteceu?”

Nathan: “Eu caí”.

Professora Catherine: “Certo, vamos terminar de estudar... [choro] Certo, vamos terminar de estudar probabilidade. Não, não vou falar de probabilidade. Vou contar sobre uma menina: Ela sempre estava na escola morrendo de medo e fazia de tudo para fingir que não via que riam dela porque...ela gostava mais de meninas do que meninos.

E talvez ela pudesse ter menos vergonha dela mesma, se conhecesse alguém como o Nathan. Alguém tão valente como ele, que se atreve a dizer que é diferente. Precisa de coragem para não enganar a si próprio. Para suportar o olhar dos outros. Qual é a coragem de quem bateu no Nathan?”

Aluna: “Professora?”

Professora Catherine: “Sim.”

Aluna: “*Essa menina é você?*”

Professora Catherine: “*Como fariam para calcular a probabilidade de que era eu?*”

Aluna: “Não sei.”

Professora Catherine: “Quando se joga uma moeda, pode ser que caia cara ou coroa. Digamos que a probabilidade de dar cara ou coroa, é metade. Conseguir cara ou coroa, é um problema” (Beijos Escondidos, 2016).

Nesse diálogo, fica claro que a professora Catherine sabe muito mais que equação e geometria. Ela apenas se autorregulava dentro desse enunciado discursivo que o ser professora de Matemática lhe outorga. No caso de sua aula, ela utilizou de conhecimentos matemáticos que estavam previstos para aquele dia, para transitar nos assuntos sensíveis que Nathan estava vivenciando. Mas neste caso, é importante salientar que mesmo sem utilizar de conhecimentos matemáticos, ela poderia, caso quisesse, falar sobre tal assunto, pois essa visão de que o/a professor/a de Matemática deve dar aula de Matemática e não pode falar de outras questões; falar o que quiser, se constitui dentro de um pensamento da racionalidade moderna que tem sido o fio que conduz a educação escolar hoje, como nos coloca Clareto e Sá (2006).

Quando a aluna questiona: “Essa menina é você?”, evidencia a curiosidade que o corpo gay desperta naqueles que o cercam. Estar no espaço educativo, como professor/a e gay, é infringir a norma mesmo quando essa sexualidade não é verbalizada, tendo em vista que não há obrigatoriedade em fazê-lo. Esses corpos gays transitam dentro do espaço educativo, geram dúvidas, provocam o pensamento, “[...] de um modo ou de outro, esses sujeitos escapam da via planejada. Extraviam-se. Põem-se à deriva” (Louro, 2020, p.19). Esse corpo, tido como *dissidente* e, por vezes, anormal, gera incômodos, pressiona as regulações de gênero e provoca fissuras dentro de um cenário onde ser gay tende a ser um desafio.

Para Catherine, se por um lado, a Matemática lhe outorga esse lugar do ser professora de Matemática, podendo permanecer em silêncio, sendo só uma professora de Matemática e sabendo apenas de equação e geometria, por outro lado, lhe confere o lugar de racionalidade, *hard science* que escapa dos sentimentos e emoções.

Um ensino engessado nessa racionalidade e verdade cartesiana de que o/a professor/a de Matemática só fala de Matemática não poderia encontrar lugar, afinal, cada escola, cada sala de aula, cada aluno/a, cada aula, cada professor/a apresenta uma riqueza de verdades e acontecimentos únicos, que não dependem apenas da visão da Matemática como conhecimento-verdade. É necessário perceber, dar sentido e valor para essas riquezas que existem além do valorizado pelo discurso epistemologicamente dominante. Não se trata de descartar a presença desses elementos da aula de Matemática ou em nossas posturas, mas de perceber, permitir e valorizar outros elementos que podem ser abordados, como as condições de produção dos enunciados e seus funcionamentos.

A sala de aula como acontecimento. A matemática como acontecimento na sala de aula. Que matemática acontece na sala de aula? Que aula acontece? Abrir-se ao intempestivo, ao imprevisto e ao imprevisível. Abertura que racha a forma-sala-de-aula-de-matemática – plano composto por forma-aluno, forma-professor, forma-conteúdo, forma-matemática, forma-livro didático... – em sua previsibilidade, em seu planejamento, em seus mecanismos de controle, em sua forma já capturada e esquadrihada. A aula acontece! Que aula acontece? (Clareto, 2013, p. 3).

No horizonte das discussões estabelecidas, embora no filme a professora Catherine tenha se posicionado, no geral, a Matemática não se posiciona, contudo, é possível e necessário que o currículo de Matemática saia da imparcialidade para um movimento de resistência e *contraconduta* no sentido foucaultiano ao imposto cenário conservador.

“Os tempos mudaram”

Ao final da aula mencionada na sessão anterior, ao bater o “sinal”, permanecem na sala apenas o aluno Nathan e a professora Catherine, que diz a ele: “Não vai almoçar? Quando tinha sua idade, passava horas sozinha na sala. Às vezes sinto estar vivendo isso de novo. Espero que não passe por isso. Você que está certo” (Beijos Escondidos, 2016). Mesmo que a sensação seja de que “às vezes sinto estar vivendo isso de novo”, ela percebe que “os tempos mudaram”, conforme pontuou o professor Tristan.

Na sequência, a professora deixa a sala e ao encontrar com sua esposa que a aguardava na porta da escola, protagonizam um beijo (Figura 3), afirmando que “os tempos mudaram”, conforme o diálogo a seguir:

Figura 03- Beijo da professora Catherine e sua esposa



Fonte: IMDb. Disponível em: <https://m.imdb.com/title/tt5572566/mediaindex/>
Acesso em: 09 jun. 2024.

Professora Catherine: “Me dê um beijo. Me dê um beijo”.

Estudantes: “Olhem isso!”

Diretor: “Vamos, saiam daqui! Não há nada para ver!”

Esposa de Catherine: “O que aconteceu?”

Professora Catherine: “*Os tempos mudaram.*” (Beijos Escondidos, 2016).

Será que de fato, os tempos mudaram? As sexualidades dissidentes, embora venha sendo discutida com mais frequência nos veículos de comunicação em massa, tais discussões ainda não suficientes para responder às demandas interiores dos muitos sujeitos e suas histórias de vida, bem como dos conflitos existentes, visto que não têm diminuído os preconceitos de setores conservadores da sociedade, os quais cismam em querer apagar as muitas identidades tidas como anormais.

É importante dar destaque aqui ao acontecimento discursivo: o beijo gay, que sempre reverbera causando alvoroço e discurso de ódio na nossa sociedade patriarcal e heteronormativa. Quem pode beijar quem? Em uma sociedade fortemente LGBTQIAPN+fóbica, qualquer cena de beijo entre duas pessoas do mesmo sexo ainda sofre alguma rejeição.

A vigilância e a punição do afeto são estratégias de poder para reafirmar a centralidade da norma através da inferiorização de práticas e sujeitos enquadrados como marginais. Portanto, é preciso que existam beijos gays para que recebam a punição exemplar que indicará às demais pessoas o que acontece àqueles/as que ousam romper os limites da norma.

Algumas considerações longe de serem finais...

Ao nos debruçarmos sobre as narrativas do filme Beijos Escondidos (2016), somos confrontados com uma série de situações que circunscrevem o ambiente

escolar no que tange as questões de gênero e sexualidade. Um ambiente educativo no qual a heterossexualidade ainda possui lugar privilegiado, mas suas rememorações evidenciam rupturas possíveis de serem construídas, como a qual fez a professora Catherine.

Seja por meio do silenciamento ou da afirmação de quem se é, o corpo gay na estrutura escolar oportuniza a construção de discursos outros com a potência de romper com paradigmas heteronormativos. O lugar ocupado pelos corpos gays dentro dos muros escolares – e também fora deles – ainda se configura como um lugar de tensões e conflitos, convites a um padrão de normalidade que tem por base um modo de vida heterossexual, tecido em contextos culturais e sociais que continuam sendo evocados nas relações que se estabelecem na escola. Um exemplo é o do diretor que não aceitou que o professor de Inglês falasse sobre homofobia.

“Há [...] sujeitos e práticas que podem ser pensados no interior de uma cultura e outros que são impensáveis, por não se enquadrarem na lógica ou no quadro admissíveis para aquela cultura, naquele momento” (Louro, 2009, p. 141). Para viabilizarem sua(s) existência(s) no ambiente escolar, tais sujeitos precisam se enquadrar na categoria *gays discretos*. Obviamente, isso se dá na tensão das normas regulatórias que regem a escola, neste caso. Enquanto esses sujeitos puderem autorregular seu comportamento, se autogovernar, no sentido de não oferecer riscos iminentes à manutenção da norma, enquanto forem convenientes à instituição, poderão atuar nela.

À medida que mergulhamos nas narrativas e nos defrontamos com a questão do enunciado discursivo da professora de Matemática, somos convidados a uma reflexão desse lugar que a Matemática ocupa e suas relações de poder e verdade. Fica evidente que a neutralidade é uma impossibilidade quando se trata de ensinar, uma vez que o entrelaçamento da dimensão humana e a disciplina de Matemática é inquestionável e carregado de complexas questões sociais que moldam nosso entendimento.

Nesse cenário educacional, a personagem de Catherine surge como uma figura central representativa de um movimento de transformação no campo da Educação Matemática que nos reafirma que o panorama atual do ensino difere substancialmente do passado. Os indivíduos que agora ocupam esse espaço trazem consigo uma riqueza de contextos e experiências coletivas, um contraste notável em relação à visão estreita que prevaleceu por tanto tempo. Nesse ambiente dinâmico,

torna-se imperativo (re)examinar e (re)imaginar abordagens educacionais para assegurar um ensino que seja verdadeiramente inclusivo, que aborde questões sociais de forma sensível e que rompa com paradigmas obsoletos. Fica impossível não perceber que o ensino da Matemática vai muito além das limitações impostas pelas categorias tradicionais de gênero e sexualidade. Ele se revela como uma ferramenta notavelmente poderosa para a expressão e o empoderamento de todas as pessoas, independentemente de quem sejam.

Em um mundo em constante evolução, as narrativas do filme *Beijos Escondidos* (2016) e a performance de Catherine nos lembram da importância de desafiar as normas estabelecidas e criar um ambiente educacional que celebre a individualidade de cada estudante e a capacidade universal de se engajar e prosperar na linguagem da Matemática. A diversidade é uma parte fundamental do aprendizado e da aplicação da Matemática, enfatizando a importância de incluir diversas vozes e perspectivas no ensino e na exploração dessa disciplina. Afinal, os corpos políticos ao se expressarem por meio da linguagem dentro da sala de aula, podem modificar o ensino da Matemática de maneira valiosa e impactante, falando Matemática à sua maneira.

Por trás dessa Matemática cartesiana, imposta com seu caráter de verdade, existe uma Matemática que valoriza nossas construções teóricas em prol da diversidade que o mundo nos apresenta. Existe uma Matemática que é ativamente antirracista. Comprometida não apenas com a libertação das mulheres, mas de todos os seres humanos, ela promove uma crítica ao eurocentrismo epistêmico e às raízes colonialistas e racistas de uma tradição. E apesar de ser apresentada como universal, até hoje serviu para justificar e fornecer os meios que possibilitam a subjugação de povos, países e continentes inteiros a um ordenamento mundial arbitrário, injusto e insustentável. Existe uma Matemática acessível a todos e todas, baseada no pluralismo epistêmico e comprometida em confrontar as desigualdades sociais. Existe uma Matemática que busca se afastar de suas origens ligadas ao imperialismo, ao colonialismo e ao capitalismo mercantil (Vicente, 2023).

Referências

ARENDT, Hannah. **O que é política?** Tradução de Reinaldo Guarany. – 3a ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

BATISTA, Vera Malaguti. **O medo na cidade do Rio de Janeiro:** dois tempos de uma história. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

BEIJOS Escondidos. Direção de Didier Bivel. Produção: Elizabeth Arnac; Louise Cosserat. Roteiro: Jérôme Larcher. Paris: Amazon Studios, 2016.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico.** Trad. Fernando Tomaz (português de Portugal). Tradução de: Le Pouvoir Symbolique. – 16. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011. 318p

BRAZ, Eliana Peter; VIEIRA, Jarbas; BUSSOLETTI, Denise. O professor e o armário: lugares de saber, poder e resistência na escola. **Revista Cocar**, [S. l.], v. 7, n. 14, p. 23–33, 2014. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/276>. Acesso em: 16 fev. 2024.

BRITZMAN, Deborah. O que é esta coisa chamada amor: Identidade homossexual, educação e currículo. **Revista Educação e Realidade**, 21 (1), pp. 71-96, 1996.

CASAGRANDE, Lindanir Salete; CARVALHO, Marília Gomes de. Relações de gênero nas aulas de matemática: Perceptíveis ou ocultas. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, v. 8 n. 31-32, pp-36-48, 2014.

CASSAL, Luan Carpes Barros; BICALHO, Pedro Paulo Gastalho de. Homofobia e sexualidade: o medo como estratégia de biopoder. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 10, n.2, p. 57-74, 2011.

CLARETO, Sônia Maria. Matemática como acontecimento na sala de aula. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED (Sistema Nacional de Educação e Participação Popular: Desafios para as Políticas Educacionais), 36. 2013, Goiânia. **Anais...** Goiânia: UFG, 2013. Disponível em: <http://36reuniao.anped.org.br/trabalhos/177-trabalhos-gt19-educacao-matematica>. Acesso em: 13 jan. 2024.

CLARETO, Sônia Maria.; SÁ, Érica Aparecida de. Matemática e educação escolar: lugares da matemática na escola e possibilidades de ruptura. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED - EDUCAÇÃO, CULTURA E CONHECIMENTO NA CONTEMPORANEIDADE, 29., 2006, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ANPED, 2006. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT19-2283--Int.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2024.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro; POCAHY, Fernando; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. Crianças e infâncias (im)possíveis na escola: dissidências em debate. **Periódicus**, v. 1, n. 9, 2018.

DINIS, Nilson Fernandes. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 39-50, jan./abr. 2011.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay.** Tradução de Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FELIPE, Jane; GUIZZO, Bianca Salazar. Erotização dos corpos infantis na sociedade de consumo. **Pro-Posições**, Campinas, v. 14, n. 3 (42), p. 121-130, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: História da violência nas prisões.** São Paulo: Ática, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** 23. ed. São Paulo: Graal, 2004.

FOUCAULT, Michel. O verdadeiro sexo. In: MOTTA, Manoel da. **Michel Foucault: ética, sexualidade, política**. Ditos e Escritos V. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2006. p. 82- 91

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LERMAN, Sthepen. Theoretical aspects of doing research in mathematics education: an argument for coherence. In: KAISER, G.; PRESMEG, N. **Compendium for early career researchers in mathematics education**. ICME-13 Monographs: Springer International Publishing, 2019. p. 309-324.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira. Foucault e os estudos queer. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (orgs). **Para uma vida não-facista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p. 135-142.

MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro, RJ:Vozes, 2009.

PASSOS, Lucas dos Santos. **Movimentos etnomatemáticos e pós-estruturais do discurso**: (re)construindo caminhos em um contexto pibidiano da matemática institucionalizada. Dissertação de mestrado em Educação em Ciências e Matemática, Universidade Federal de Goiás – UFG, Goiânia, 2017.

ROSA, Maurício. Tessituras teórico-metodológicas em uma perspectiva investigativa na Educação Matemática: da construção da concepção de Cyberformação com professores de matemática a futuros horizontes. In: OLIVEIRA, A. M. P. de; ORTIGÃO, M. I. R. (Org.). **Abordagens teóricas e metodológicas nas pesquisas em educação matemática**. 1ed. Brasília: SBEM, 2018, p. 255-281.

ROSA, Maurício. **A Construção de Identidades Online por meio do Role Playing Game**: relações com o ensino e aprendizagem de matemática em um curso a distância. Tese (Doutorado em Educação Matemática) - UNESP, Rio Claro, 2008. Disponível em:<<http://www.rc.unesp.br/gpimem/downloads/teses/rosa%20m%20doutadodo.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2024.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História e Ciências Sociais**, São Leopoldo, RS, Ano 1, n.1, Jul., 2009.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SIMIÃO, Daniel Schroeter. Gênero no mundo do trabalho: variações sobre um tema. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**, v. 5, ano 2, p. 9-20, 2005.

VICENTE, Eliézer Reis. **Matemática, gênero e políticas públicas do governo Bolsonaro: uma análise foucaultiana em correspondências**. Dissertação de Mestrado em Educação, Linguagem e Tecnologias, Universidade Estadual de Goiás – UEG, Anápolis, p. 103. 2023.

VICENTE, Eliézer Reis, FREITAS, Ellen Risia de Siqueira, RODRIGUES, Olira Saraiva. Nuances e matizes matemáticas em suas relações interculturais e artísticas. **Revista Humanidades & Inovação**, v. 9, n. 13, 2022.

WALKERDINE, Valerie. Ciência, razão e a mente feminina. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 7-24, jan/jun. 2007.

WARNER, Michael. **Fear of a Queer Planet: queer politics and social theory**.

Submetido em: março de 2024.

Aceito em: junho de 2024.